



## PRAGMATISMO SEMÂNTICO: MODELO, ESTRATÉGIAS E HISTÓRIA DO PROJETO FILOSÓFICO DE ROBERT BRANDOM

**Agemir Bavaresco**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Brasil.  
abavaresco@pucrs.br

**Resumo:** Este trabalho em pragmatismo semântico, sobre o projeto filosófico na pesquisa de Robert Brandom, visa, em primeiro lugar, apresentar seu modelo normativo semântico. Depois, descreve as estratégias utilizadas pelo autor no desenvolvimento deste modelo inferencialista. Finalmente, introduz o método de reconstrução de Brandom em seu mais recente trabalho *Perspectives on Pragmatism: Classical, Recent, and Contemporary*, dedicado à história do pragmatismo americano.

**Palavras-chave:** Nomatividade Semântica. Inferencialismo pragmático. Pragmatismo Americano. História.

### ***THE SEMANTIC PRAGMATISM: MODEL, STRATEGIES AND HISTORY OF THE PHILOSOPHICAL PROJECT OF ROBERT BRANDOM***

**Abstract:** *This work in the field of semantic pragmatism, on the philosophical project in the research of Robert Brandom, aims, firstly, to present his normative semantic model. Then, it describes the strategies used by the author in developing this inferentialist model. Finally, it introduces the reconstructive method of Brandom in his latest work Perspectives on Pragmatism: Classical, Recent, and Contemporary, dedicated to the history of American pragmatism.*

**Key-words:** *Semantic Nomativity. Pragmatic Inferentialism. American Pragmatism. History.*

\* \* \*

### **Introdução**

Nós queremos fazer uma apresentação do livro *Perspectivas sobre Pragmatismo: clássico, recente e contemporâneo* de Robert Brandom<sup>1</sup>. Nossa

---

1 Robert Brandom é professor de Filosofia da Universidade de Pittsburgh. Seu centro de interesses está na filosofia da linguagem, na filosofia da mente e na filosofia da lógica. Publicou mais de 50 artigos sobre estas áreas e afins. Ele está atualmente trabalhando num livro sobre a Fenomenologia de Hegel. Algumas publicações: *Making It Explicit: Reasoning, Representing, and Discursive Commitment*, Harvard University Press, Cambridge, 1994, 741 pp. *Articulating Reasons: An Introduction to Inferentialism*, Harvard University Press, May 2000, 230 pp. (Este livro está sendo traduzido para o português e será publicado pela EDIPUCRS). *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*, Harvard University Press, Fall 2002, 430 pp.

intenção é mostrar as principais ideias, abordagens e problemas deste livro. Neste novo livro, Brandom apresenta uma história do pragmatismo americano em sua era clássica, recente e contemporânea. Esta abordagem é a aplicação da análise sob o ponto de vista pragmático. Ou seja, vários autores e teorias filosóficas são examinadas a partir da perspectiva pragmática semântica. Há uma aproximação de pontos de vista opostos, enquanto Brandom realiza em seu trabalho a supressão das teorias numa perspectiva pragmática.

Antes de comentar esse livro, apresentamos brevemente as principais ideias e estratégias que Brandom desenvolve tal como (i) o modelo de normatividade semântica que se articula através de um jogo de dar e pedir razões pragmáticas; e (ii) a estratégia inferencialista pragmática dando primazia a pragmática sobre a semântica, porque o uso explica o conteúdo holístico. Entendemos que isto é importante para situar esse novo trabalho dentro de sua pesquisa filosófica.

## 1. O modelo da normatividade semântica<sup>2</sup>

O debate sobre a normatividade do significado é muito atual na filosofia da linguagem. Existem várias teorias sobre a normatividade semântica. Pode-se distinguir quatro abordagens na semântica normativa. (i) A primeira estabelece uma relação estreita entre a normatividade e a verdade. (ii) A segunda razão para a normatividade do significado usa o conceito de relações internas, isto é, existem relações internas entre conceitos numa linguagem. (iii) O terceiro apóia a racionalidade normativa na semântica geral. Aqui os significado(s) das regras funcionam como padrões básicos de racionalidade. (iv) A última afirma que a linguagem é uma forma de comportamento guiado por regras, ou seja, falar é executar atos de acordo com as regras. O livro de Brandom, *Making It Explicit* (1994), ajuda-nos a entender estas quatro abordagens.

A teoria de Brandom é uma justificativa semântica da normatividade. O comportamento lingüístico na comunidade implica uma pretensão teórico-discursiva para corrigir esses comportamentos. Como o título do livro de Brandom indica, a questão central de sua filosofia é tornar explícitas as condições implícitas de nossas práticas. Ele pressupõe que a nossa prática discursiva é uma estrutura normativa implícita. No entanto, esta prática pode ser avaliada em atos de fala como certo ou errado, adequado ou inadequado. O significado linguístico é compreendido a partir do uso do discurso nas práticas sociais (cf. BRANDOM, 1994, p. XII-XIII). “*Brandom desenvolve sua teoria da normatividade semântica em três etapas. Sua teoria combina (a) a pragmática normativa (b) e a semântica inferencial através do conceito central do tornar-se explícito (cf. Brandom, 1994, p. XIII, XVIII). Esta conduz ao (c) modelo do marcador deôntico*” (KLATT, 2010, p. 204).

### 1.1 Pragmática Normativa

A comunidade de língua faz uso de certos conceitos que Brandom analisa como as práticas específicas da linguagem. Estas práticas são analisadas a partir da tradição kantiana, que caracteriza o ser humano em sua capacidade de avaliar e

---

Between Saying and Doing: Towards an Analytic Pragmatism. Oxford University Press, 2008, 240 pp. Perspectives on Pragmatism: Classical, Recent, and Contemporary. Harvard University Press, 2011.

<sup>2</sup> Esta parte é baseada em (KLATT, 2010).

agir. No entanto, tanto as avaliações como as atividades humanas estão baseadas em razões, e elas são atos de conteúdo conceitual (cf. BRANDOM, 1994, p. 8).

Vale a pena ressaltar que para Brandom, as regras são instituídas implicitamente, na prática social. O que caracteriza esta prática são as atitudes normativas das pessoas envolvidas, e essas atitudes são compostas por conceitos de regras, que por sua vez, conduzem à avaliação das ações por meio de sanções. No entanto, essas atitudes têm uma estrutura social normativa em que as regras estão implícitas como práticas sociais, constituindo, portanto, a pragmática normativa.

## **1.2 Semântica inferencial**

Brandom mostra o conteúdo semântico sendo desenvolvido em tais práticas normativas, isto é, como o significado linguístico é inserido na prática normativa. Sua inferência semântica trabalha com a estrutura da prática discursiva específica, sustentando um conceito inferencial de conteúdo semântico. O significado surge a partir das relações inferenciais entre proposições no jogo de pedir e dar razões para justificar uma atitude ou uma declaração. Assim, uma proposição é entendida se o seu papel inferencial na rede de proposições que oferecem definições recíprocas é justificada. Brandom não faz inferências lógicas formais como as relações em que a correção é constituída apenas pela sua validade lógica, ao invés o significado linguístico é constituído de inferências materiais. Estas são inferências materiais se sua correção depende do conteúdo não-lógico conceitual das premissas e das conclusões. A distinção, portanto, entre inferências válidas e inválidas é dado anteriormente ao conteúdo.

Então, a prioridade explicativa do vocabulário lógico defendido pelo formalismo não segue. O que é crucial são as inferências materiais que estão implícitas na semântica das práticas. O vocabulário lógico pode ser usado para tornar os conceitos de conteúdo explícito (cf. BRANDOM, 1994, p. 102).

Brandom faz a estrutura inferencial dos atos de fala mais concretos, no qual o uso de todos os termos linguísticos tem dois aspectos: (i) As circunstâncias do emprego adequado e (ii) as devidas consequências decorrentes de tal emprego. Assim, o conteúdo semântico ao qual um falante é comprometido pelo uso de uma proposição consiste na inferência material que o falante confirma implicitamente pelo uso. A inferência a partir das circunstâncias do emprego para as consequências adequadas, resultando em tal emprego (cf. BRANDOM 1994, p. 117). A partir da semântica inferencial, o significado normativo do conteúdo conceitual de um ato de fala tem um duplo sentido normativo: um circunstancial e outro consequencial. O significado linguístico explica quando é correto usar um conceito e o que decorre de tal uso correto desse tipo (cf. BRANDOM 1994, p. 18).

## **1.3 O modelo do marcador deôntico**

A inferência semântica, como explicado acima, refere-se a um conceito de inferências materiais corretas, está inserida na pragmática normativa. As normas implícitas no uso de uma proposição determinam quais inferências são materialmente corretas, ou seja, que não são apenas logicamente válidas, mas

adequadas com relação ao seu conteúdo. Estas regras são explicadas pela pragmática normativa (cf. BRANDOM 1994, p. 91).

A conexão interna entre a pragmática normativa e a semântica inferencial implica um modelo de prática discursiva, no qual o significado lingüístico está ligado ao uso de normas implícitas na prática (cf. BRANDOM 1994, p. 133). Esta filosofia do significado estabelece o conteúdo proposicional pelas práticas de pedir e dar razões. No entanto, o movimento mais elementar do jogo de pedir e dar razões é fazer uma declaração (cf. BRANDOM 1994, p. 141). Na prática linguística, existem dois estatutos deônticos que são usados para avaliar a veracidade de uma afirmação: o compromisso e o direito. Para a colocação de uma afirmação, um falante compromete-se a determinados conteúdos e, ao mesmo tempo, ele pode autorizar a si mesmo ou outros falantes para executar outras afirmações. Portanto, somando-se os dois estatutos deônticos a distinção entre as circunstâncias e as consequências de um ato de fala, chegamos a um modelo de quatro dimensões para a prática de fazer afirmações: Tu podes perguntar por (i) compromissos e (ii) por direitos de um ato de fala, bem como por (iii) circunstâncias e (iv) consequências apropriadas (cf. BRANDOM 1994, p. 159).

A partir deste modelo de quatro dimensões, há um grande número de relações inferenciais extraídas das proposições de uma linguagem: compromissos e direitos, circunstâncias e consequências das afirmações compartilha conexões internas entre eles. É exatamente esta estrutura inferencial que coloca o significado do conteúdo proposicional nas proposições da linguagem. Brandom usa um modelo de marcador deôntico para esclarecer o significado pragmático dos atos de fala: por um lado, o estatuto deôntico e, de outro, o seu conteúdo semântico. A estratégia deste modelo é que as pessoas competentes seguem a prática de linguagem, seus próprios compromissos e direitos como os de outros participantes. Eles são marcadores deônticos. Os atos de fala mudam as pontuações deônticas. Chegamos então, a uma imagem de que atos de fala que uma comunidade de linguagem aceita como corretos ou reprova como incorretos. As normas implícitas podem ser explicitadas como funções de pontuação. Através deste modelo, as situações dinâmicas e complexas do estatuto deôntico e suas subestruturas podem ser analisados (cf. BRANDOM 1994, p. 175). Portanto, o modelo de prática discursiva de Brandom nos permite analisar o conteúdo proposicional, usando uma terminologia puramente normativa (cf. KLATT, 2010, p. 204-206).

## 2. O inferencialismo de Brandom: articulando estratégias <sup>3</sup>

Brandom, em seu livro *Articulando Razões: Uma Introdução ao Inferencialismo* (2000), torna explícita as estratégias que ele usou em seu inferencialismo. Pode-se enumerar quatro estratégias inferencialistas: (a) a estratégia da primazia da pragmática sobre a semântica, porque o uso explica o conteúdo; (b) a estratégia do expressivismo racionalista, porque a lógica desempenha a função de tornar o que está implícito na ação, explícito no discurso; (c) a estratégia de proposições que supera o representacionalismo nominalista, porque são os usos pragmáticos que explicam as expressões subsentenciais; (d) a

---

<sup>3</sup> Esta parte está baseada em (ALVES, 2010).

estratégia do holismo semântico, pois compreende os conceitos em relação a outros conceitos.

## 2.1 Inferencialismo pragmático

Brandom explica o conteúdo dos conceitos a partir de seus usos, ou seja, compreender um conteúdo proposicional é uma espécie de know-how, um domínio prático de um jogo de dar e pedir razões. Assim, a compreensão de um conceito é ter um domínio prático sobre as inferências envolvidas nele, ou seja, dominar as práticas de dar e pedir razões. As relações semânticas são entendidas como o marcador pragmático, ou seja, como um jogo em que os resultados de cada participante conta pontos quando suas peças são bem sucedidas. Isto ocorre quando os compromissos e direitos são reconhecidos e realizados. Portanto, o conteúdo semântico está ligado ao significado pragmático, compreendendo a inferência de forma pragmática, como um tipo de ação. O aspecto representacional do conteúdo proposicional é entendido a partir da dimensão social da comunicação de razões. A partir da prática ou atividade de aplicar conceitos, Brandom elabora o conteúdo conceitual.

## 2.2 Inferencialismo expressivista racional

O conceito de atividade não é apenas uma questão de representação, mas um problema de expressão. Brandom defende, então, um expressivismo na lógica e um inferencialismo no conteúdo. O vocabulário lógico explicita as inferências que estão implícitas na prática. O expressivismo é pensado no sentido pragmático, ou seja, tornar algo que é *know-how* em *know-that*. Tudo o que está expresso numa prática implícita pode se tornar explícito. Compreender o conceito explícito é dominar seus usos inferenciais, o que é um compromisso inferencialmente articulado. O expressivismo racionalista de Brandom não pode ser confundido com o expressivismo romântico tradicional, que enfatizava a espontaneidade, transformando o que é sentimento interno em gesto externo. O expressivismo racionalista implica um jogo de dar e pedir razões. É colocar algo no conceito, de forma explícita. Agora, ser explícito no sentido conceitual é um papel especificamente inferencial, ou seja, servir como uma premissa ou conclusão de uma inferência. Para tornar explícito um *know-how*, tornando uma declaração num conteúdo proposicional, usa-se o vocabulário básico lógico:

Nossa linguagem, por exemplo, é rica o suficiente para conter condicionais (se x, então y), podendo ainda incluir quantificadores (se algo é x, então é y), e também negações (se x é y, então não é z)", por isso, "as afirmações condicionais, consideradas paradigmáticas para um inferencialista, tornam explícitas as relações inferenciais. (ALVES, 2010, p. 4).

## 2.3 Inferencialismo proposicional

Ao invés de abordar o significado de uma explicação de baixo para cima, começando com as partes de significações subsentenciais, de um modo nominalista representacional, Brandom realiza uma explicação a partir de uma abordagem de cima para baixo, que começa com o uso de conceitos e conteúdo proposicionais,

fazendo uma conexão entre proposicionalismo e pragmatismo. A questão de termos singulares é tratada desta segunda maneira, sem buscar o conceito de um objeto ou estado de coisas, porque, fazendo o caminho oposto, o inferencialista define o que é o objeto e o termo singular a partir dos usos pragmáticos. As explicações do inferencialismo semântico começam com as propriedades da inferência para explicar o conteúdo proposicional e, depois, torna inteligível conteúdos conceituais expressos em subsentenciais, termos singulares e predicados.

## 2.4 Inferencialismo holístico

Brandom defende que, ao invés do atomismo semântico, deve-se adotar o holístico. O inferencialismo é holístico porque diz que você não pode ter qualquer conceito quando você não tem pelo menos alguns. Ou seja, o conteúdo de cada conceito é articulado nas relações inferenciais com outros conceitos: "*Conceitos devem vir em pacotes*" (BRANDOM, 2000, p. 16). Isso não significa que eles são dados em um único pacote, mas eles já estão articulados em "pacotes" de significado de uma forma holística.

Assim sendo, para o inferencialismo de Brandom (2000), o significado é entendido como inferência; ou seja, o conteúdo semântico deve ser entendido em termos de papéis inferenciais, não em termos de referências ou representacionistas (cf. ALVES, 2010, p. 4-5).

Apresentamos o modelo de Brandom que combina a pragmática normativa com a semântica inferencial através do conceito tornar-se explícito. Esta pragmática é um jogo entre dar e pedir razões que são registradas pelo marcador deôntico. Depois, descrevemos quatro estratégias que o autor utiliza para implementar o seu modelo de pragmática inferencialista. A escolha desse modelo e a suas estratégias justificam-se pela própria teoria de Brandom que articula razões pragmáticas inferencialistas.

## 3. Pragmatismo americano: história e perspectivas

Na introdução de seu livro *Perspectives on Pragmatism: Classical, Recent, and Contemporary* (doravante, PP), Brandom coloca o subtítulo que define a sua principal intenção neste trabalho: *do idealismo alemão para o pragmatismo americano - e retorno*. Ele quer olhar para a história da filosofia, para reconstruir o pragmatismo americano, ou mais precisamente, no idealismo alemão e seus dois autores: Kant e Hegel. Ele mantém um diálogo entre a história do idealismo alemão e a história do pragmatismo americano. Queremos, no âmbito desta pesquisa, reconstruir em forma de síntese, as suas principais idéias neste trabalho e situá-las em todo o seu projeto filosófico.

### 3.1 Kant e Hegel: pragmáticos *avant la lettre*

Brandom coloca esta pergunta: "*O que os pragmatistas aprenderam com Kant?*" Os pragmatistas podem aprender duas ideias mestre de Kant: sua virada normativa e sua metodologia pragmática (cf. PP, p. 7):

(i) *Virada normativa*: Para Kant, a concepção normativa é a atividade de julgar. A tradição dominante da explicação lógica e semântica era uma doutrina de

termos ou conceitos, uma doutrina de juízos e silogismos. Mas, Kant toma os juízos que devem ser as unidades mínimas, em uma ruptura radical com seus antecessores. "Conceitos devem ser compreendidos analiticamente, como funções de juízos, isto é, em termos de sua contribuição ao conteúdo julgável (PP, p. 9)".

(ii) *Inversão metodológica*: "Esta inversão metodológica é o compromisso de Kant para a primazia explicativa do proposicional", diz Brandom (PP, p. 10).

Para Brandom, "*Kant deve ser pensado como um pragmático avant la lettre, por causa do modo como a sua teoria normativa da atividade conceitual (teórico e prática) forma sua consideração do conteúdo conceitual (ambos teórico e prático)*" (PP, p. 11). Na mesma direção, Hegel assume a partir de Kant, os compromissos e uma abordagem pragmatista ampla para a compreensão dos conteúdos dos compromissos cognitivos e práticos. Ele dá também "*um importante passo, naturalizando a imagem conceitual de normas, tomando estas normas a serem instituídas por práticas públicas reconhecidas socialmente, ou processo de "experiência" (Erfahrung) sociohistórica*" (PP, p. 11)."

### 3.2 Pragmatismo americano clássico: naturalismo e empirismo

Os pragmatistas clássicos americanos, em termos mais amplos, são Peirce, James e Dewey, os quais se aproximaram da tradição idealista alemã, completando o processo de *naturalização*, que já tinha começado com Hegel, diz Brandom. Eles entenderam dois novos modelos de explicação científica: as explicações evolutivas de Darwin e as explicações estatísticas. "*O pragmatismo começa com uma filosofia da ciência, iniciada por Peirce, que viu estas duas inovações explicativas como aspectos de uma revolução conceitual na ciência*" (PP, p. 12).

As explicações evolutivas e estatísticas diferem daquelas da velha física matemática na qual elas foram expressas. Por exemplo, as leis de Newton eram leis necessárias, eternas e universais. Explicações evolutivas e estatísticas explicam acontecimentos *contingentes* e *prováveis* (cf. PP, p. 12).

O pragmatismo como uma nova forma de *naturalismo* foi acoplado com uma nova forma de *empirismo*. O método experimental científico é visto apenas como o explícito, destilação principadora do processo de aprendizagem seletivo que é a forma prática comum às criaturas inteligentes em todas as fases do desenvolvimento (cf. PP, p. 14). "*Nesse sentido, Dewey explica a experiência: a experiência não é a ignição de alguma luz interna cartesiana. É algo feito ao invés de algo que simplesmente acontece. É a experiência, não no sentido de Erlebnis (ou Empfindung), mas Erfahrung de Hegel*" (PP, p. 14). O resultado da experiência é uma espécie de *compreensão* prática, o desenvolvimento de hábitos apto para o sucesso, o *know-how*, em vez do *know-that*.

O pragmatismo clássico norte-americano é baseado no naturalismo ontológico e no empirismo epistemológico que ensina filósofos sobre como as coisas são e como podemos entendê-las. Na verdade:

[...] o processo de Kant é estruturado pelo *racional*, relações conceituais de incompatibilidade e consequência, enquanto a versão dos pragmatistas é estruturado pelo *natural*, relações causais de incompatibilidade e consequência. Pois eles não só introduzem uma nova concepção de experiência, mas também uma nova concepção de razão (PP, pp.16-17).

### 3.3 Pragmatismo Fundamental: Conceito naturalizado da experiência

"A estratégia mais específica pela qual os pragmatistas clássicos norte-americanos procuraram naturalizar o conceito de experiência é o que eu chamarei o *pragmatismo fundamental*", diz Brandom (PP, p. 17). O Pragmatismo fundamental dá uma forma distinta do naturalismo dos pragmatistas clássicos americanos, isto é, o compromisso metodológico é em primeira instância, um naturalismo acerca dos temas de compreensão discursiva e de agência (cf. PP, p. 19).

Pragmatismo fundamental opõe-se a uma ordem de explicação *representacionista*, que começa com uma noção do conteúdo representacional, e apela ao conteúdo representacional, a fim de dar sentido ao que o seu saber e sujeitos atuantes fazem. Isso não quer dizer que os pragmatistas não podem ter o conceito de representação, mas a representação deve vir no final da história, não no início (cf. PP, p. 20).

Brandom diz que faz uma grande diferença se estamos falando de representações, regras e explicitação em nível pessoal, ou em nível *sub-pessoal*: isto é em parte uma questão de se um interpreta as regras do platonista invoca para articular propriedades de prática cuja prática estão em questão (o que seria em nível pessoal). (i) A ciência cognitiva, ao contrário, postula sub-representações pessoais, cujo papel são explicações causais de várias capacidades. O sentido no qual eles orientam a prática é causal, não na primeira instância normativa. (ii) Aqui uma questão importante é o que se entende por "explícito" quando o pragmatismo fundamental é articulado em termos do implícito na prática versus explícito, em princípio, em regra, ou em forma de representação. Representações de regras são cruciais para alguém considerar como *segundo* uma regra. Nesse contexto, a representação pode ser pensada como forma de explicitação (cf. PP. p. 21).

Então, Brandom conclui:

Uma das formulações variantes aproximadas, oferecidas do compromisso metodológico, eu chamei de "pragmatismo fundamental", é pensar sobre normas explicitamente representadas na forma de regras ou princípios apenas no contexto de um entendimento prévio de normas implícitas na prática (PP, p. 22).

### 3.4 Pragmatismo instrumental: Funcionalismo Holístico

Há um slogan: "*A verdade é o que funciona*". Isto é o que Dewey chama de "teoria instrumental" ou "instrumentalismo", diz Brandom. Normas semânticas são compreendidas em termos instrumentais, em termos de utilidade. Estados verdade-avaliáveis, tais como crenças são pensadas no modelo de ferramentas, que podem ser mais ou menos aptas ou úteis, em conjunto com outros que estão disponíveis em uma situação concreta, em relação a algum fim desejado ou propósito. Assim, ele segue a terminologia de Dewey, cuja abordagem Brandom chama de "pragmatismo instrumental" acerca das normas semânticas (cf. PP, p. 25).

Há dois pontos principais, afirma Brandom, no qual é importante ser claro no pensamento sobre a tensão instrumental no pragmatismo americano clássico.



(i) Deve ser entendido como a base de uma teoria do *significado*, e não uma teoria da *verdade*, que em termos de contribuição pragmatista faz o que os crentes *fazem*. "O elemento novo é que o fazer é pensado como propósito, como destinado a algum tipo de fim, a satisfação de algum desejo ou necessidade (PP, p. 26)."

(ii) Esta teoria é uma explicação *funcionalista*. "*Pragmatismo instrumental é um funcionalismo holístico abrangente sobre o conteúdo dos estados, tais como crenças, desejos e intenções. É abrangente no qual os sistemas funcionais considerados compõem o organismo e seu ambiente todo*" (PP, p. 27).

Brandom pensa que uma estrutura de perspectiva essencialmente histórica, de normatividade discursiva, articulando uma concepção de determinado conteúdo conceitual, é a chave para compreender a concepção de experiência de Hegel.

A combinação da distinção de pontos de vista *históricos*, entre perspectivas prospectivas (determinação como esclarecendo) e retrospectivas (determinação como descobrindo) e pontos de vista *sociais* entre a atribuição (*de dicto*) e reconhecendo (*de re*) compromissos é uma das minhas principais sugestões sobre como avançar com as idéias dos pragmatistas clássicos (PP, p. 32-33).

### 3.5 Virada linguística: Pragmatismo Linguístico

James focou-se na experiência, ao invés da linguagem. Dewey escreveu muito sobre a linguagem que ele chamou de "ferramenta de ferramentas." Ele tem muitas coisas boas a dizer sobre as relações entre significado e uso. Brandom opina, "*enquanto Peirce focou-se nas ciências naturais, as contribuições de James estavam no lado da psicologia, e os principais interesses de Dewey foram as ciências sociais*" (PP, p. 34).

Aqui, no entanto, "a virada linguística" coloca a linguagem no centro das preocupações filosóficas, e compreender os problemas filosóficos começa em termos de linguagem que se usa na formulação deles:

Os pragmatistas americanos, como os seus seguidores pragmáticos fundamentais, o Heidegger de *Ser e Tempo* e o Wittgenstein das *Investigações filosóficas*, colocam línguas naturais, que eles pensam antropologicamente, como aspectos da história natural de um certo tipo de ser. Seu foco para começar não está no *significado*, mas no *uso*: Sobre práticas discursivas e habilidades (PP, p. 35).

Brandom pergunta: "O que vem primeiro, a semântica (a teoria do significado) ou a *pragmática* (a teoria de uso)? *A tradição lógica começa com a semântica. Pelo contrário, a tradição pragmatista começa com a pragmática*" (PP, p. 35-36).

Há, pensa Brandom, dois princípios que regem a compreensão dos pragmáticos fundamentais, da relação entre pragmática e semântica. Eles expressam aspectos complementares do sentido do pragmatismo na filosofia da linguagem que consiste em insistir que a semântica deve responder à pragmática.

(i) O "pragmatismo metodológico": O princípio de que o ponto de associar significados, extensões, conteúdos, ou outros interpretantes semânticos com expressões linguísticas é codificar (expressa explicitamente) propriedades de uso.

(ii) O "pragmatismo semântico":

Este é o princípio de que em uma linguagem natural, tudo que existe para efeito da associação de significados, conteúdos, extensões, regras, ou outros interpretantes semânticos com expressões linguísticas é o modo como essas expressões são usadas pelos praticantes linguístico eles mesmos (PP, pp 37).

Brandom conclui que "a combinação de pragmatismo metodológico e semântico, os dois sentidos em que a semântica pode ser tomada para responder a pragmática, sentido lato, pode ser chamado de "pragmatismo linguístico". *"É uma forma natural de aplicar o pragmatismo fundamental para a teorização sistemática sobre a linguagem"* (PP, p. 37).

### 3.6 Racionalismo e pragmatismo: Critério de demarcação linguístico

Brandom nota que:

[...] os pragmáticos que fizeram a virada linguística, assumiram-na como a mais importante característica da história natural das criaturas, como nós, que estamos dentro da linguagem: vir a se envolver em práticas linguísticas distintivas e exercer habilidades linguísticas distintas. Isto é tanto um feito ontogenético como uma conquista filogenética (PP, p. 40).

É preciso, abordar três grandes tipos interligados de questões:

(i) A questão de *demarcação* é de definição. Como são as práticas *linguísticas* e as habilidades para serem distinguidas de algo não-linguístico?

(ii) A questão do *surgimento* diz respeito a exigência de que qualquer consideração da linguagem que aspira a ser naturalista no mesmo sentido amplo, deve explicar a possibilidade da transição não-linguística de práticas e habilidades linguísticas. Como são as habilidades que podemos ver nas criaturas não ou pré-linguísticas recrutadas, implementadas e transformadas de modo a atingir algo linguístico?

(iii) A questão *alavancagem* é como caracterizar e explicar a enorme diferença qualitativa na capacidade entre as criaturas linguísticas e não-linguísticas: a bonança de novas habilidades e possibilidades que a linguagem abre para aqueles que fazem a transição (cf. PP, p. 40).

De acordo com Brandom:

O desafio é mostrar que o mesmo fenômeno que se tem considerado para o surgimento, pode alavancar o senciente em sapiente. Então, demarcar o domínio da linguística ou das práticas discursivas e habilidades é um elemento absolutamente essencial do projeto filosófico que venho descrevendo (PP, p. 43).

E acrescenta:

Minha ideia é que o pragmatismo pode ser útil combinado com um critério racionalista de demarcação da discursividade linguística e, portanto, em geral. Com isto quero dizer que o que distingue a prática linguística em virtude da qual nós somos seres sapientes e não meramente sencientes é o seu núcleo de práticas de dar e pedir *razões*. Esta combinação de características pragmáticas, semânticas e sintáticas é o triângulo de força da discursividade. A ordem

pragmática de explicação, obviamente, começa com a pragmática (PP, p. 44) .

Brandom argumenta:

[...] que ser reconhecido como engajando-se em uma prática de fazer afirmações, dar e pedir razões, a comunidade deve distinguir pelo menos *dois* estatutos normativos: o compromisso e o direito a compromissos. Especificamente, pode-se usá-los para definir três tipos de inferências materiais: inferências compromisso-preservação, inferências direito-preservação, e vinculações de incompatibilidade. O núcleo da minha versão inferencialista forte do pragmatismo racionalista reside na afirmação de que o conteúdo conceitual consiste no papel inferencial em sentido amplo, articulado ao longo dessas três dimensões. É claro que o critério subjacente racionalista da demarcação do discurso poderia ser trabalhado de outras maneiras (PP, p. 44).

Este é o projeto de Brandom em seu livro *Perspectivas sobre Pragmatismo*:

Ultrapassar Dewey e Wittgenstein para o pragmatismo racionalista, mais especificamente, inferencialista, que eu estou recomendando é, portanto, também um retorno às raízes do pragmatismo no idealismo alemão. Como Kant sintetizou o empirismo e o racionalismo, e os pragmatistas sintetizaram o naturalismo e o empirismo, eu estou sugerindo que o caminho a seguir é sintetizar o pragmatismo e o racionalismo, sob a forma da resposta racionalista à questão de demarcação (PP, p. 47).

## Conclusão

Brandom situa-se, historicamente, dentro da história do pragmatismo americano, porém, ao mesmo tempo, ele se aproxima e toma distância deste movimento. Ele o critica e o amplia a partir de sua aproximação com o idealismo alemão. O pragmatismo foi uma linha filosófica que se originou nos Estados Unidos por volta de 1870. O triunvirato mais conhecido dos pragmatistas clássicos foram Charles Sanders Peirce (1839-1914), William James (1842-1910) e John Dewey (1859-1952). A influência do pragmatismo declinou durante os dois primeiros terços do século XX, mas teve um renascimento desde os anos 1970 com os filósofos que utilizam os escritos e idéias dos pragmatistas clássicos, e também com uma série de pensadores, tais como Richard Rorty, Hilary Putnam e Robert Brandom, desenvolvendo visões filosóficas que representam fases posteriores da tradição pragmatista. O núcleo do pragmatismo era a máxima pragmatista, uma regra para esclarecer o conteúdo das hipóteses, através da identificação com suas “consequências práticas”. Na obra de Brandom a aplicação influente do pragmatista foi ao conceito de pragmatismo semântico.

Um dos sintomas de um renascimento pragmático é encontrado na obra de Robert Brandom, em livros como *Making it Explicit* e *Articulating Reasons*. Os interesses filosóficos de Brandom são bastante diferentes dos pragmatistas clássicos. Ele repensa os pragmatistas clássicos e aplica sua metodologia reconstrutiva ao pragmatismo clássico. Ele dialoga com filósofos como seu professor Richard Rorty, e outros como Quine e Wilfrid Sellars. Suas preocupações são principalmente com a semântica e a filosofia da linguagem, desenvolvendo uma

versão do papel inferencial semântico, a fim de construir suas considerações sobre o modelo pragmático filosófico, suas estratégias inferencialistas e sua metodologia reconstrutiva da história da filosofia analítica e continental (Cf. BRANDOM, 2002, p. 90). A conexão com o pragmatismo é que sua abordagem da linguagem está focada sobre o que *fazemos* com a linguagem, com nossas práticas de fazer afirmações e de desafiar ou avaliar as afirmações de outros, - marcadores - de acordo com Brandom.

Finalmente, o projeto filosófico de Brandom, ao longo de sua carreira intelectual, permanece em diálogo com a história da filosofia ocidental (cf. BRANDOM, 2002, p. 21-90). Sua leitura é caracterizada por uma metodologia de reconstrução da filosofia e uma interpretação inferencialista dos textos filosóficos e autores. Ele permanece consistente com o seu modelo do pragmatismo semântico, utilizando estratégias coerentes, lendo a história clássica, recente e contemporânea do pragmatismo americano.

\* \* \*

### Referências bibliográficas

BRANDOM, Robert B. *Making It Explicit*. Reasoning, Representing, & Discursive commitment. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

BRANDOM, Robert B. *Articulating reasons: an introduction to inferentialism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

BRANDOM, Robert B. *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

BRANDOM, Robert B. *Reason in Philosophy*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.

BRANDOM, Robert B. *Perspectives on Pragmatism: Classical, Recent, and Contemporary*. (Citado como PP, seguido do número das páginas). Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

ALVES, Marco Antônio Sousa. The Inferentialism of Robert Brandom and the Rejection analysis of Significance in Terms of Reference. In: *PERI*, v. 02, n. 02, 2010. p. 1-14. Available: <http://nexus.ufsc.br/index.php/peri/article/viewFile/70/27>.

KLATT, Matthias. Semantic normativity and the objectivity of legal argumentation. In: *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)*. 2 (2):201-213 julho-dezembro, 2010. Disponível: <http://www.rechtd.unisinos.br/pdf/103.pdf>